

Televisão e criança: algumas reflexões

Munglioli, Maria Cristina Palma

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Munglioli, M. C. P. (2005). Televisão e criança: algumas reflexões. *ETD - Educação Temática Digital*, 7(1), 57-66.
<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-103638>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

TELEVISÃO E CRIANÇA: ALGUMAS REFLEXÕES

Maria Cristina Palma Munglioli

RESUMO

Considerando que o signo é portador de múltiplos significados construídos por meio de mediações estabelecidas pelas injunções presentes nas relações sociais e expressas pela linguagem verbal, o presente artigo discute alguns aspectos referentes a especificidades da recepção da mídia televisiva por parte da criança levando em conta as abordagens teóricas de Bakhtin (polifonia, dialogismo), Serrano e Barbero.

PALAVRAS-CHAVE

Recepção; Signo; Meios de comunicação de massa; Mediações; Televisão; Criança.

TELEVISION AND CHILD: SOME REFLECTIONS**ABSTRACT**

Considering that the sign contains multiple meanings build by the mediations in the social relationships and express by the verbal language, this article discusses some aspects of child's television reception focusing the Bakhtin's (polyphonie, dialogism), Serrano's and Barbero's theoretical approaches.

KEYWORDS

Reception; sign; Mass media; Mediations; Television; Child.

*“A tendência a sincronizar tudo deságua em tudo
submeter ao foco subjetivo do intérprete imerso
na sua contemporaneidade.”*

Alfredo Bosi

*O novo é para nós, contraditoriamente ,
a liberdade e a submissão.*

Ferreira Gullar

A busca da comunicação por meio de uma linguagem comum tem sido motivo de preocupação de pensadores ao longo da história. Dificuldades de comunicação face a face foram relatadas pelo historiador Plínio ao afirmar que durante uma expedição romana ao Cáucaso foram necessários cento e trinta intérpretes para “resolver os problemas”. Bacon, Descartes, Leibniz e Comenius (Störig, 1992), são alguns dos grandes estudiosos que aludiram em seus escritos à necessidade de se buscar uma língua comum como forma de comunicação entre os povos.

Pensando em outras possibilidades de comunicação que não a verbal, Bacon chega a se perguntar se não seria possível “criar para as coisas outros sinais que não palavras e letras, do mesmo modo que o dinheiro pode ser fabricado com materiais que não o ouro ou a prata.” (Störig, 1992, p. 247). Também Comenius, o grande educador, imagina “que a humanidade se encaminha para um estágio final, a monoglossia, ou seja, a língua única para todos, a qual permitirá às pessoas viverem juntas como irmãos, como um povo, uma família de Deus.”

Os meios de comunicação de massa respondem pelo menos parcialmente a alguns desses anseios. Porém, talvez possamos encontrar na expressão desses pensadores pelo menos uma das razões pelas quais os meios de comunicação de massa (principalmente a televisão) sejam, paradoxalmente, tão amados e tão temidos por nossos contemporâneos. Muitos imaginam que os meios de comunicação de massa levam à monoglossia (talvez nem um pouco parecida com a que sonhava Comenius) e/ou à apatia intelectual. É justamente partindo desse ponto de vista (ainda bastante comum entre alguns críticos da televisão) que

pretendemos discutir alguns aspectos da recepção da mídia televisiva por crianças e adultos numa perspectiva mais abrangente que envolve questões de mediações e de linguagem.

As duas frases que servem de epígrafe a este texto, embora não tenham sido necessariamente escritas referindo-se aos meios de comunicação de massa, são a expressão viva de dois dos problemas que se colocam sempre que buscamos efetuar uma reflexão mais aprofundada sobre os problemas comunicacionais na sociedade em geral e, em particular, nas escolas.

O primeiro problema se refere à necessidade de efetuarmos uma análise diacrônica não só dos “fenômenos” (eventos) comunicacionais como também de sua produção e distribuição. Em nossa opinião, esse tipo de análise é condição *sine qua non* para que se possa evoluir num caminho em que se buscam, para além da simples crítica, a compreensão e a utilização dos meios de comunicação num ambiente social e escolar de maneira socialmente responsável e produtiva.

O segundo problema, que nos parece muito bem sintetizado pela feliz expressão de Ferreira Gullar, diz respeito ao sentimento contraditório que nos assola sempre que deparamos com inovações tecnológicas que alteram nossa vida e, conseqüentemente, mexem com valores e costumes. Geralmente, ouvimos críticas dicotomizadas às novas tecnologias (sobretudo as que trabalham com comunicação dirigida ao grande público: TV, computador), dizendo que elas estão nos tornando menos criativos, mais preguiçosos e que antigamente tudo era melhor, mais natural. Outras vezes, ouvimos loas a respeito dessas tecnologias.

Ao contrário dos meios de comunicação de massa, a reflexão sobre os efeitos nocivos da visão dicotomizada (polarizada) do mundo não é recente. Os antigos gregos já criticavam essa forma de compreender o mundo. Dois pensamentos de Heráclito traduzem bem essa preocupação:

“Aquilo que se obsta conduz à concordância, e das tendências contrárias provém a mais bela harmonia.”

“Na circunferência do círculo, o começo e o fim são comuns.”¹

¹ Apud Bosi, *O ser e o tempo da poesia*, p. 89.

Tais pensamentos nos remetem ao que Machado (1996) sustenta com relação ao pretense embate entre homem e máquina (arte x tecnologia). Na sua opinião, seria mais correto se falar em ambigüidades que em paradoxos ou ainda em complementaridades em vez de exclusões (nesse caso, a imagem da circunferência aludida por Heráclito é magnífica).

Apesar de, já na década de 1960, Eco contestar (e, paradoxalmente, ajudar a conceituar) a visão dicotomizada em relação aos meios de comunicação de massa em seu clássico livro *Apocalípticos e Integrados*, é essa visão que permanece entre muitos intelectuais, inclusive entre aqueles que se propõem a pensar sobre os meios de comunicação e sua relação com a educação. Neste artigo, pretendemos abordar alguns aspectos da recepção dos meios de comunicação numa perspectiva que aponta para a primazia das mediações em detrimento dos meios.

RECEPÇÃO MUDIÁTICA

A busca do controle sobre a interpretação da mensagem (ou informação) é, segundo Santaella (1992), a grande preocupação dos produtores de mídias, porém sabe-se que existe uma margem de imponderabilidade da informação que foge ao controle dos emissores. Além disso, as reações do receptor a determinadas mensagens e seu processo interpretativo são questões complexas devido à natureza semiótica da comunicação “(...) uma mesma mensagem é composta na sincronia de vários sistemas sígnicos, nas misturas do verbal e do não verbal.” (Santaella, 1992, p.16).

Eco (1991, p. 60) refutando a compreensão “rasa” de signo como substituição “ (...) baseada na equivalência sem saídas, substituição de idêntico por idêntico” e assumindo a perspectiva de que a um signo corresponde necessariamente uma interpretação que “permite ir *além* do signo originário”, afirma que “o signo (...) é sempre o que (...) abre para algo mais. Não há interpretante que, ao conformar o signo que interpreta, não modifique, mesmo que só um pouco seus limites.” (grifo do autor)

Assim, é praticamente impossível o controle total sobre o receptor. Os estudos feitos nos anos sessenta (e mesmo antes disso) que vinculavam simetricamente o emissor e destinatário foram substituídos por outros que procuram levar em consideração a polissemia sígnica da comunicação e a complexidade do processo que envolve a produção e a recepção dos meios de comunicação de massa².

CRIANÇA E MENSAGENS TELEVISUAIS

Um dos pontos mais polêmicos em relação aos meios de comunicação de massa diz respeito à participação principalmente dos meios audiovisuais na construção da visão de mundo da criança. É preciso, em primeiro lugar, levar em conta que a criança não “recebe” a mensagem (ou informação) tal como os adultos e que o desconhecimento desse fato ocasiona (por parte dos adultos) uma série de erros de análise interpretação da mensagem midiática.

Fazendo um balanço sobre as investigações relativas aos efeitos das mensagens televisuais na formação das crianças, Serrano (1989) arrola resultados contraditórios a esse respeito. Segundo pesquisas por ele citadas, ora a TV aparece como a grande vilã que imbeciliza a criança, ora como o meio que a torna mais criativa, ora como algo que nada acrescenta ao desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança.

Serrano (1989, p. 60) acredita que essa confusão é resultado da maneira com que vêm sendo conduzidas as pesquisas nessa área. Alguns pesquisadores ainda se servem de “critérios” mecanicistas e, para o estudioso espanhol, os paradigmas behavioristas não são os mais adequados para tais estudos. Por isso, propõe que seja dado um novo enfoque paradigmático às pesquisas dessa área comunicacional que leve em conta que:

“a) Não existe um objeto de estudo autônomo que seja ‘a influência da comunicação’. Com menos razão pode existir ‘a influência das imagens’ como objeto de estudo independente. O que existe, e deve ser investigado, é a produção, aquisição, processamento e utilização da informação pelas crianças. A comunicação é um dos procedimentos que concorrem nesse processo de manuseio da informação; porém sempre a comunicação é utilizada de modo solidário com outros procedimentos não comunicacionais que também levam a informação à criança.

² Tais mudanças são amplamente discutidas por Mauro Wilton de Sousa e Jesus Martin Barbero em artigos no livro *Sujeito: o lado oculto do receptor*, p. 13-48 e p. 39-68, respectivamente.

b) Não existe o ‘universo da informação’ concebido como um objeto de estudo autônomo. Com menos razão, pode-se isolar, na investigação dos efeitos, um universo das ‘meras práticas comunicacionais’. O que existe, e deve ser estudado, é um universo da interação social. Na prática da interação cabe o recurso à informação, outras vezes o recurso à ação, outras ou ambas formas de interação. Informação e ação são estímulos ou respostas (adaptativas ou criativas, mas sempre coordenadas) a que a criança recorre alternada ou solidariamente para seu próprio desenvolvimento como sujeito social.” (Serrano, 1989, p. 60)

De maneira bastante sucinta, poderíamos dizer que, para Serrano, não são somente os meios de comunicação de massa os responsáveis pelas leituras que as crianças fazem deles. Mais que os meios de comunicação de massa, o contexto social no qual se insere a criança (incluindo os próprios meios de comunicação de massa) acaba determinando mais fortemente o tipo de leitura que a criança fará do mundo e com o qual, conseqüentemente, formará sua representação de mundo. Nesse processo, portanto, a importância do meio cede lugar à relevância das mediações que se estabelecem entre os mais diversos setores da sociedade.

A IMPORTÂNCIA DAS MEDIAÇÕES

Barbero (2001) desenvolve o conceito de mediação a partir dos estudos efetuados por Serrano. Essa forma de analisar os meios de comunicação de massa privilegia “os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão.”(Barbero, 2001, p. 304) Nessa perspectiva, as formas de compreender os meios de comunicação não passam pelos caminhos de uma análise lógica, muito menos por uma via unidirecional controlada; ao contrário encontram eco em todas as esferas da sociedade e, por isso, mesmo estão sujeitas às injunções que compõem a(s) cultura(s) de um país (ou mesmo de uma região). Barbero (2001, p. 304) destaca os “três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência social.” Lugares, mediações prenes de discursos que se constroem e desconstroem obedecendo a uma dinâmica própria de cada sociedade. Dinâmica cuja principal tessitura é a linguagem.

Acreditamos que uma forma de compreender a televisão e os meios de comunicação de massa em geral numa perspectiva mais ampla que contemple a perspectiva das mediações possa ser dada pelos estudos teóricos de Bakhtin (1992) acerca da comunicação verbal principalmente.

COMUNICAÇÃO: DIALOGIA E POLIFONIA³

Para Bakhtin, não há apenas um locutor no processo de comunicação e sim vários, mesmo que não estejam explicitamente presentes. O enunciado não é apenas uma frase, uma oração, é muito mais. Em suas palavras: “Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de enunciados.”(Bakhtin, 1992, p. 291).

Segundo o teórico russo, ao aprendermos a língua materna não nos apropriamos de um conjunto de palavras, verbos, mas sim de um conjunto de enunciados que serão incorporados a outros enunciados pré-existentes e que formarão uma espécie de repertório que nos propiciará uma comunicação adequada dentro da sociedade. Portanto, se nos apropriamos de enunciados pré-existentes, apropriamo-nos da “fala” de outros, ou melhor, incorporamos ao nosso enunciado (individualizado) outros locutores. Assim, a multiplicidade de locutores (polifonia) se apresenta também devido à multiplicidade de enunciados que se inter-relacionam e se nutrem mutuamente (dialogia). À maneira antropofágica, um enunciado é portador de vários enunciados que são assimilados, reestruturados e possibilitam a criação de um enunciado próprio e individualizado.

Não há enunciado que não pressuponha uma atitude responsiva do interlocutor. Assim, não há comunicação se não houver um receptor ativo (que já é imaginado numa situação dialógica quando o locutor “escolhe” seu enunciado). Essa postura de Bakhtin foi inovadora não somente na questão do estudo do texto verbal escrito, mas também em todas as formas de comunicação humana. Perguntas feitas por Bakhtin a respeito do destinatário do enunciado são totalmente aplicáveis aos meios de comunicação de massa e estão no centro das discussões sobre a recepção de informações⁴: “A quem se dirige o enunciado? Como o locutor percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado?” (Bakhtin, 1992, p. 321)

Seguindo a linha de pensamento de que um enunciado só existe na condição de propiciar uma atitude responsiva do interlocutor e que ele é socialmente aprendido e

³ Não é nosso objetivo, neste artigo, apresentar de maneira mais aprofundada esses conceitos que, devido a sua complexidade e importância para os estudos da linguagem, mereceriam muito mais espaço para reflexão, o que fugiria às características do presente texto.

selecionado para sua utilização única e individualizada, é possível compreendermos que muitas das críticas feitas aos meios de comunicação (em especial à TV)⁵ são no mínimo infundadas. Bakhtin nos oferece ainda a perspectiva de vermos o telespectador (ou mesmo o leitor) como alguém que também possui enunciados e os inter-relaciona (longe daquela passividade imaginada pelos primeiros estudiosos da comunicação e dos críticos mais ferozes aos meios televisuais).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Para melhor compreender o pavor que toma conta de muitas pessoas diante da comunicação (informação) que se expande por todas as partes do planeta invade a “intimidade das famílias”, gostaríamos de lembrar a desconfiança com que foi vista pela Igreja a popularização da leitura no final do século XIX e início do século passado na França. Chartier e Hébrard (1996) ao analisarem os discursos sobre a leitura na França no período de 1880-1980 constataram que no século XIX havia uma forte resistência do clero com relação à expansão da imprensa e à proliferação de periódicos - geralmente hostis à Igreja. A Igreja Católica apontava a ânsia pela leitura - mais perceptível nas cidades - como um convite à impureza - já que os textos não passavam pelo seu crivo como ocorreu com os livros durante alguns séculos. Segundo essa compreensão, “o livro que produz o abandono, que incita o leitor ao devaneio ou a perturbadoras ilusões, esse livro não pode ser formador, não pode ser recomendado e deverá ser proscrito de qualquer pedagogia religiosa.” (Boto, 1996, p. 202)

Percebe-se que o discurso contrário ao livro (e à sua conseqüente leitura) assemelha-se muito àqueles discursos que hoje apresentam os meios de comunicação (principalmente a televisão) como os responsáveis pelo “rebaixamento” cultural das pessoas (notadamente dos jovens) e até mesmo pela criminalidade. São discursos que, como dissemos no início deste texto, não levam em conta o caráter dialógico da comunicação (seja ela imagética ou verbal).⁶ São palavras que exacerbam a dicotomia ancestral entre o bem e o mal. Não lhes parece possível o meio-termo ou a impregnação (inter)cultural.

⁴ Cf. Barbero, América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: *Sujeito, o Lado Oculto do Receptor*. SOUSA, M. W. (org.) Brasiliense/ECA-USP. São Paulo, 1995.

⁵ Referimo-nos principalmente às críticas de que a TV seria responsável pela imbecilização de milhões de pessoas, uma vez que não permite que os telespectadores pensem.

⁶ Barbero & Rey, in: *Os exercícios do ver*, p. 68, chamam a atenção para o fato de que hoje em dia freqüentemente educadores culpam a televisão pelo desinteresse que os jovens manifestam pela leitura de livros. Para os autores, o verdadeiro motivo desse desinteresse localiza-se no “des-centramento” cultural do principal instrumento de informações e conhecimento: o livro. Dentro da esfera da educação, a desvalorização dos meios

O que se deve buscar, a nosso ver, é tentar compreender os meios de comunicação (principalmente a TV) como produtos da evolução histórica da humanidade e, portanto, sujeitos à mesma relação dialética que permeia as sociedades humanas. Nesse sentido, é interessante refletirmos sobre as palavras de Bosi (1977, p. 89) sobre a alternância como parte inerente ao processo dialético do real: “A alternância é mais do que uma seqüência de opostos: é conversão ‘mútua’, passagem de um no outro; tensão armada e aliança conjugal de contrários no uno-todo.”

Quando se trata de analisar os meios de comunicação de massa é necessário que consigamos nos despir dessa roupagem ancestral que faz com que pensemos sempre em pólos que se opõem inexoravelmente.

REFERÊNCIAS

- BARBERO, J. Martin - América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. (Org.). **Sujeito, o Lado Oculto do Receptor**. São Paulo: Brasiliense/ECA-USP, 1995.
- BARBERO, J-M.; G. REY. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BOTO, C. Cem anos de discurso sobre a leitura: mais um. **Revista da USP**. no. 29. Março/Maio. 1996. São Paulo.
- ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. 6ª. Edição. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.
- MACHADO, A. **Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. São Paulo: Razão Social. 1992.
- SERRANO, Manuel M. A participação dos meios audiovisuais na construção da visão do mundo das crianças, **Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro. Março/Julho 89.

de comunicação de massa e, sobretudo, da televisão pode poupá-la [a educação] de: “(...) questionar a profunda reorganização que vive o mundo das linguagens e das escritas com a **conseqüente transformação dos modos de ler**, deixando sem apoio a obstinada identificação da leitura com o que se refere somente ao livro e não à pluralidade e heterogeneidade de textos, relatos e escrituras (orais, visuais, musicais, audiovisuais, telemáticas) que hoje circulam.” (grifos dos autores)

SOUSA, M. W. (Org.). **Sujeito, o Lado Oculto do Receptor** São Paulo: Brasiliense/ECA-USP, 1995.

_____. Recepção: uma questão antiga em um processo novo. In: SOUSA, M. W. (Org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense/ECA-USP, 1995.

STÖRIG, H. J. **A aventura das línguas**: uma viagem através da história dos idiomas do mundo. São Paulo: Melhoramentos, 1992.

MARIA CRISTINA PALMA MUNGIOLI

Doutoranda em Comunicação na

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São

Paulo

E-mail: cristinapalmamungoli@gmail.com

Recebido em: 27/10/2005

Aceito em: 20/12/2005